

Antero de Quental

CONTRACAPAS

COLABORAÇÃO
ANÓNIMA PARA A
REVISTA OCIDENTAL



Atribuição,
organização e prefácio de
ANA MARIA ALMEIDA MARTINS

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMVIII

NOTA A ESTA EDIÇÃO:

Os textos de Antero de Quental foram reproduzidos a partir de exemplares da *Revista Ocidental*, tendo-se procedido apenas à sua actualização ortográfica.

© 2008, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Contracapas*
Autor: Antero de Quental
Atribuição, organização e prefácio:
Ana Maria Almeida Martins
Revisão: Tinta-da-china
Capa e composição: Vera Tavares

1.ª edição: Outubro de 2008

ISBN 978-972-8955-71-7
Depósito Legal n.º 283688/08

ÍNDICE

9 *Prefácio*

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 41 *Grande Dicionário Português*
Boletim bibliográfico,
15 de Fevereiro de 1875
(contracapa)
- 42 *O Crime*
Boletim bibliográfico,
15 de Fevereiro de 1875
(contracapa)
- 44 *Revista de Andalucía*
Boletim bibliográfico,
28 de Fevereiro de 1875
(contracapa)
- 46 *A Disciplina e o Exército*
Boletim bibliográfico,
28 de Fevereiro de 1875
(contracapa)
- 48 *Artes e Letras*
Boletim bibliográfico
15 de Março de 1875
(contracapa)
- 50 *Viagens: Espanha e França*
Bibliografia
31 de Março de 1875

- 55 *Odes Modernas*
Bibliografia
31 de Março de 1875
- 58 *O Papa perante o Século*
Boletim bibliográfico
15 de Abril de 1875
(contracapa)
- 60 *Da Reorganização Social*
Bibliografia
30 de Abril de 1875
- 68 *Boletim Anotado da Legislação Portuguesa*
Boletim bibliográfico
30 de Abril de 1875
(contracapa)
- 72 *O Japão*
Bibliografia
31 de Maio de 1875
- 78 *Manual da História da Literatura Portuguesa*
Bibliografia
30 de Junho de 1875
- 83 *A Voz da Natureza*
Bibliografia
15 de Julho de 1875
- 87 «ELOGIO DA MORTE»
15 de Fevereiro de 1875
- 99 BIBLIOGRAFIA UTILIZADA
- 101 ÍNDICE ONOMÁSTICO

PREFÁCIO



UM DOS OBJECTIVOS inscritos no programa de estudo e debate sobre a situação política, sociocultural e económica do povo português, onde o ciclo das «Conferências do Casino» funcionaria como motor de arranque, seria a edição de uma revista. «Editar uma verdadeira Revista, como lá fora se fazem, e como é vergonha não ter ainda havido uma entre nós»¹.

Consumado o encerramento das Conferências, por portaria ministerial de 26 de Junho de 1871, urgia continuar, noutros moldes, o programa compulsivamente interrompido e, desde logo, o aprofundamento das relações entre Portugal e Espanha, já enunciado, aliás, no título e no conteúdo daquela que ficou como a mais célebre e citada de todas as conferências: *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*.

E foi sob o signo da temática ibérica (Portugal e Espanha, mas também Brasil e América Latina)

que os dois principais artífices desse projecto dinamizador, Antero de Quental e Jaime Batalha Reis, decidiram fundar e dirigir a *Revista Occidental*.

Foi longa e difícil a sua gestação. Todo o ano de 1872 se esgotou em contactos com editores e convites a futuros colaboradores², entre os quais alguns espanhóis no movimento federalista e republicano³, como Nicolás Salmeron, Pi y Margall, Francisco Maria Tubino, Juan de Valera, Benito Pérez Galdós, Rafael de Labra, mas também Canovas de Castillo e, principalmente, Fernández de los Rios, o antigo e muito celebrado embaixador de Espanha em Lisboa.

Até o título da revista levou o seu tempo a ser ajustado. *Revista do Occidente* foi o escolhido e é ele que figura impresso nos primeiros folhetos de apresentação. Mas porque em castelhano passaria a *Revista de Occidente*, acabou por se fixar em *Revista Occidental*, título comum aos dois idiomas.

Em Março de 1873, Antero partia para Ponta Delgada por ocasião da morte do pai, projectando demorar-se por lá algum tempo, mas nem por isso esmoreceu o entusiasmo dos dois futuros directores.

Jaime Batalha Reis, amigo exemplar, em toda a correspondência enviada tratando de assuntos da Revista inscrevia o nome de Antero em primeiro

lugar, falsificando-lhe por vezes a assinatura, na perfeição, diga-se, como se pode ler na carta que lhe dirigiu em Março de 1873: «Como você autorizou tenho prodigalizado as falsificações do seu aliás respeitável nome».

Contudo, pelos finais desse ano, a saúde de Antero começou a deteriorizar-se e rapidamente tomou um aspecto preocupante. Daí uma confissão a Batalha Reis em Março de 1874: «[...] Vejo que é um dever de consciência avisá-lo por causa da Revista projectada. Não sou eu que me desligo, é uma fatalidade superior à minha vontade: é a morte talvez próxima ou se longínqua, uma vida impotente e tristemente vegetativa [...] Ainda que sem piorar mais (o que é já pouco provável) me conserve neste estado actual, é já o bastante para não o poder ajudar. Se ainda alguma coisa fizer (e não o espero já) será numa ou noutra hora excepcional, nalgum *éclaircie* que a enfermidade me deixar. Há meses já que interrompi o meu livro, e o que leio é meramente como distração: viagens, história narrativa, e nada mais. Assim, querido amigo, conte com isto, e disponha as suas coisas em vista desta certeza. Se para a *sua* Revista, o meu nome lhe é necessário, use dele: mas sem o homem e a sua actividade, de que serve o nome?»

Jaime Batalha Reis não consentiu no afastamento do amigo. Doente ou não, iria continuar

Artes e Letras — Revista de Portugal e Brasil, 1874
 — 3.^a série, n.º 8. Redactor: Rangel de Lima
 — Ed. Roland e Semiond, Lisboa

CONTÉM O N.º 8: A carta por Pinheiro Chagas, com cópia de um quadro de Becker — A Mulher antiga e a mulher cristã por D. Maria Amália Vaz de Carvalho — A taça, por M. — um motim no aprisco, por A. Enes com a cópia de um quadro de Otto Gebler — De como Velásquez tinha uma costela portuguesa e não era pintor, por Luciano Cordeiro — O enterro de Jesus, por A. Osório de Vasconcelos, com uma cópia de um quadro de Van Dick — Domingos António Sequeira pelo marquês de Sousa Holstein — A faca do mato, por Rangel de Lima, com uma gravura de uma faca do sr. Rafael Zacarias da Costa — Livros e folhetos por Rangel de Lima — Diversas notícias.

Em Portugal onde não há galerias e onde os grandes mestres das artes do desenho são desconhecidos, é esta uma publicação importantíssima. Pode ela ser um meio de os popularizar, sempre que sobretudo as gravuras forem acompanhadas de estudos críticos e históricos de que são já um bom sintoma no n.º 8 os artigos dos srs. A. Enes, e Osório de Vasconcelos. Poderiam adquirir tam-

bém importância no estrangeiro as *Artes e Letras*, se mais a miúdo reproduzissem as obras de arte que existem em Portugal; e ainda a sua utilidade seria maior para os próprios portugueses e brasileiros se houvesse mais método e mais crítica na escolha dos quadros a reproduzir pela gravura. No n.º 8 o sr. Rangel de Lima entra, ao falar na *Faca do mato do sr. Costa*, num caminho crítico que apesar de ainda timidamente tentado nos parece melhor que o que neste escritor sempre segue para dar a notícia, ordinariamente sem significação dos *Livros e Folhetos* publicados durante o mês.

A Exposição da Academia portuense de Belas-Artes e as obras de Fortuny (citadas neste número a propósito da sua recente morte), devem sem dúvida dentro em pouco ser tratadas largamente nas *Artes e Letras*. Seria sem isso estranhável o lugar que tão importantes factos ocupam nas *Diversas notícias*.

1.º Ano, Tomo Primeiro, 3.º fascículo,
15 de Março de 1875 — na contracapa

Viagens: Espanha e França, por Luciano Cordeiro
— Lisboa, Livraria Pacheco e Carmo

O SR. LUCIANO CORDEIRO tem em grau subido o temperamento do viajante. Dizemos, entenda-se, do viajante contemporâneo, curioso, impressionável, inquieto, do viajante desta idade de *steamers* e *rail-ways*, que sai de casa *para ir ver*, não do aventureiro severo e tenaz dos séculos xv e xvi que saía *para descobrir*. Esta condição buliçosa do sr. Cordeiro já de há muito nos impressionara, ao lermos os seus escritos, considerando a variedade de assuntos sobre que discorre, a rapidez do trem-expresso com que os atravessa, a facilidade com que se desloca, saltando de um ponto de vista para outro, o ar curioso e apressado com que toma aqui uma nota, além solta uma exclamação, faz mais adiante uma pergunta, e quando o leitor espera ainda a resposta, ouve o apito da máquina, e lá vê partir risonho, animado, gesticulando com a leve mala de mão, o incansável *touriste*. Tudo isto é de viajante *pur sang*. Não admira pois que quem tanto tem viajado no mundo das ideias se deitasse um belo dia a correr terras, por essa Europa fora, *para ver o que vai*, o que acontece, o que se diz... Apertou a mão aos seus amigos, à porta do Martinho, e foi-se por

essas Espanhas, por essa França e Alemanha, vendo os homens, as coisas, os monumentos, recebendo aqui uma impressão da natureza, colhendo além algumas reflexões sobre os acontecimentos, sem se deter em cogitações profundas, que não dá tempo a isso a rapidez tirânica do caminho de ferro, mas voejando sobre a história antiga ou contemporânea, sobre as artes, a política e ainda a culinária das nações, aplaudindo o progresso, de passagem, na rápida carreira, mas com convicção, sempre vivo e curioso, sempre satisfeito do mundo e de si, o que, além de outras vantagens, é excelente disposição num viajante.

É assim que o activo *touriste* atravessou grande parte da Europa, em menos de 50 dias: 46 foram eles ao certo, porque o sr. Cordeiro partiu de Lisboa no dia 3 de Junho, às 8 da noite, e voltou no dia 20 de Julho, às 3 da tarde: ele próprio nos quis dar, no seu livro, estas informações precisas. Nestes 46 dias viu Madrid, Paris, Roma, Veneza, Viena de Áustria e boa parte da Alemanha. Chama-se a isto andar depressa, e a viagem faz honra ao sistema de viação acelerada! Neste trajecto o sr. Cordeiro viu muitas coisas e muita gente que nunca vira dantes, recebeu impressões novas e agradáveis, rejubilou-se, entusiasmou-se, e regressou à pátria tendo muito que contar aos seus amigos. Ao público não

militar, político e diplomata, que só em horas perdidas e distraidamente empunha a pena, como homem do mundo e não como filósofo. Mas há assuntos em que não é permitido ser medíocre. Sentimos que o sr. Duque de Saldanha não se tivesse lembrado disto antes de mandar imprimir o seu livro. A competência é essencial em todas as coisas, e é grande ilusão supor que a filosofia deva ser exceção a esta regra. Sem pretendermos dar conselhos, mas emitindo simplesmente o nosso voto, entendemos que a experiência colhida pelo sr. Duque de Saldanha no decurso duma longa vida, passada toda num teatro vasto e animadíssimo, podia ser aproveitada em livros interessantes e instrutivos, uma vez que esses livros tratassem dos incidentes dessa vida, que em pontos se confunde com a nossa história, e das cenas representadas nesse teatro, onde por vezes coube ao general e ao político o papel de protagonista. Um simples capítulo de memórias militares e políticas do sr. Duque de Saldanha teria incomparavelmente mais interesse e valor do que todos os volumes possíveis que sua excelência consagre a questões filosóficas. Nestas, é muito natural que aos militares e diplomatas prefiramos simplesmente... os filósofos.

1.º Ano, Tomo Segundo,
5.º fascículo, 15 de Julho de 1875

A Voz da Natureza: ou o poder, sabedoria e bondade de Deus, na
 manifestação na criação, na conservação do mundo inorganico com o mundo
 organico e na adaptação da Natureza exterior à estrutura dos vegetaes
 e a constituição moral e physica do Homem: pelo Marechal Du-
 que de Saldanha. Londres: W. Knowles. 1874

Este livro é um estudo sobre os topicos principais d'aquella proter-
 vida sciencia, que, no seculo passado, alguns sabios ingleses, mais pi-
 edros do que consequentes, intentaram fundar com o nome de ~~A~~
 Theologia-natural, e que ainda hoje é cultivada, posto que sem
 fructo apreciavel, em varios seminarios protestantes. O assumpto é in-
 cozato. facilmente descaamba em tedio. Querer explicar a Natu-
 reza pela Theologia é empenha propiamente tão absurda como
 querer explicar a Theologia pela Natureza. Qualquer das duas
 cousas redundando em ~~plenas~~ tautologias e phrasas vagas e de-
 clamatorias — e si, com effeito, a que se reduce a pretendida Theo-
 logia-natural dos deistas ingleses. Estes inevitaveis defectos do ge-
 nero, que a sciencia e elevação moral e poetica dos proprios Newton,
 Humphrey Davy e outros altos espiritos não lograram occultar nas
 obras que consagraram a este assumpto, não é muito tova-
 rem-se ainda mais evidentes no livro do sr. Duque de Sa-
 danha, militar, politico e diplomata, que si em horas per-
 didas e distrahiidamente empunha a penna, com homem

do mundo e não como philosopho. ~~Se~~ ^{ellas ha} assumpto em que não
 é permittido ser mediocre. ~~Então~~ que o sr. Duque de Sal-
 danha não se tivesse lembrado d'isto antes de mandar im-
 primir o seu livro. A competencia é essencial em todas as
 coisas, e é grande illusão suppor que a philosophia deva ser
 exceptuã a esta regra. Sem pretendermos dar conselhos, mas emittir
 os simplesmente o nosso voto, entendemos que a experiencia ce-
 lhida pelo sr. Duque de Saldanha no decurso d'uma longa vida
 passada toda n'um theatro vasto e animadissimo, podia ser
 aproveitada em livros interessantes e instructivos, uma vez que
 esse livro tractassem do incidente d'essa vida, que em pontos
 se confunde com a nossa historia, e das scenas representadas,
 n'esse theatro, onde for neccs comb. as general e as politicas o
 papel de protagonista. Um simples capitulo de memorias mi-
 litares e politicas do sr. Duque de Saldanha teria incompara-
 velmente mais interesse e valor do que todos os volumes possiveis
 que Sua Ex.^a consagrar a questoes philosophicas. N'estas, é mais
 natural que aos militares e diplomatas preferamos sim-
 plesmente... os philosophos.

ELOGIO DA MORTE

Morrer é ser iniciado.

Fragmento da Antologia Grega.

1872-1874, ANTERO DE QUENTAL
Revista Ocidental, 1.º Ano, Tomo Primeiro,
1.º fascículo, 15 de Fevereiro de 1875

INANIA REGNA

Altas horas da noite, o Inconsciente
Sacode-me com força, e acordo em susto.
Como se o esmagassem de repente,
Assim me pára o coração robusto.

Não que de larvas me povoe a mente
Esse vácuo nocturno, mudo e augusto,
Ou forceje a razão porque afugente
Algum remorso, com que encara a custo...

Nem fantasmas nocturnos visionários,
Nem desfilar de espectros mortuários,
Nem dentro em mim terror de Deus ou Sorte...

Nada! o fundo dum poço, húmido e morno,
Um muro de silêncio e treva em torno,
E ao longe os passos sepulcrais da Morte.

NIRVANA

Na floresta dos sonhos, dia a dia,
Se interna meu dorido pensamento...
Nas regiões do vago esquecimento
Me conduz, passo a passo, a fantasia...

Atravesso, no escuro, a névoa fria
Dum mundo estranho, que povoa o vento...
E meu queixoso e incerto sentimento
Só das visões da noite se confia.

Que místicos desejos me enlouquecem?
Os abismos do Nirvana aparecem
A meus olhos, na muda imensidade!

Nesta viagem pelo ermo espaço,
Só busco o teu encontro e o teu abraço,
Morte! irmã do Amor e da Verdade!

BEATRICE

Eu não sei quem tu és — mas não procuro
(Tal é minha confiança) devassá-lo.
Basta sentir-te ao pé de mim, no escuro,
Entre as formas da noite, com quem falo.

Através do silêncio frio e obscuro
Teus passos vou seguindo, e, sem abalo,
No cairel dos abismos do Futuro
Me inclino à tua voz, para sondá-lo.

Por ti me engolfo no nocturno mundo
Das visões da região inominada,
A ver se fixo o teu olhar profundo...

Fixá-lo, compreendê-lo, basta uma hora,
Funérea Beatriz de mão gelada...
Mas única Beatriz consoladora!